

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**A VOCAÇÃO DO FERNANDINHO**Por ANÃO SABICHÃO
Desenhos de A. CASTANE

ERA dia de parada na Avenida. O Fernandinho, entusiasmado, ao ver tantos regimentos de soldados com as suas fardas vistosas, disse-me resoluto:

— «Que vida tão reinadia deve ter um soldado! Eu, também, hei-de ser da tropa. Quero vestir uma farda, assim, linda, cheia de galões e doirados, ter uma espada brilhante, um cavalo para passear.»

— «Tudo isso é muito bonito, amigo Fernandinho! — Tu pensas que os soldados não têm mais nada que fazer senão passear?!...»

— «Pois sim!... Mas passam vida divertida! Sempre a ouvirem o taratá-tá-tá das cornetas...» —



— «Que os fazem andar a nove!»
— Já lhe disse, Anãozinho, que o meu gosto era ser soldado! Entrar em guerras, em combates!...» —

— «Então, vamos fazer uma combinação! Amanhã vais experimentar a vida de soldado. Quereres?» —

Encantado com esta ideia, o Fernandinho via-se já general em chefe de muitos batalhões e aceitou a minha proposta, cheio de entusiasmo.

— «Taratá-tá-tá! Taratá-tá-tá!...»
— «Que diabo de barulho é este?!» — exclama o meu amiguinho, sentando-se na cama, alvoroçado. Era eu que, à porta do seu quarto, tocava uma corneta com toda a força.

Habitado a ser acordado, de mansinho, pelos beijos da mãe, o Fernandinho fica furioso com aquela música infernal.

— «Porque me acordam tão cedo?» — exclama, ao ver, em roda, tudo às escuras.

— «Cinco horas da manhã é o toque da alvorada, para os soldados se levantarem.» — Digo-lhe, autoritário.

Fernandinho, muito embatucado, gagueja:
— «Se é assim que os soldados acordam... a Conceição que me venha vestir.» — remata, resignado.

(Continua na página 4)

DEDOS DESORDEIROS

Por LAURA CHAVES

A senhora mão direita era mãe de cinco filhos e vivia contrafeita, sempre em constantes sarilhos, porque os dedos, seus meninos, não se davam nada bem, eram tolos, os mofinos, ralavam a pobre mãe.

O mais velho, atarracado, o menino polegar: um pateta enfatuado, passava a vida a ralhar.

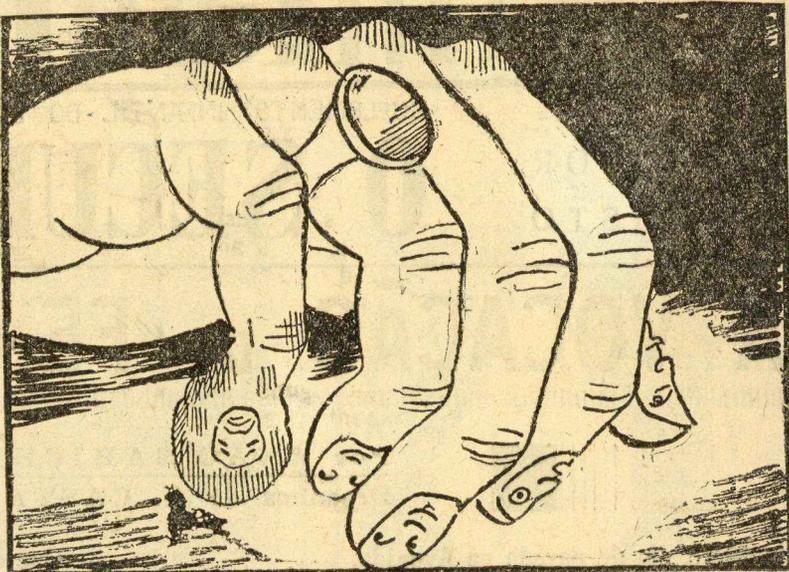
O indicador, pelos modos, mostrava-se inconveniente, apontando tudo e todos muito malcriadamente.

O mais alto, o dedo médio, era estúpido e ruim. Não havia outro remédio... Tinham de o *grammar* assim.

O anelar dava leis, um toleirão imodesto. Por ser rico, usar anéis, tratava os outros de resto.

O mais pequeno, o meiminho, se havia rixas das bravas, era o seu *arre-burrinho*, só êle pagava as favas.

Mas, quando havia trabalhos, coisas sérias a agarrar, e a mãe, à fôrça de ralhos, os fazia trabalhar,



era o meiminho, o pequeno, que mostrava mais valor na faina calmo e sereno, trabalhava com ardor.

O médio que se diz pai dos outros, como é sabido, gritava: — Ai, ai, ai, ai, ai, que trabalho aborrecido!

Depois, punha-se a insultar o mais velho, abrindo os olhos, a quem chegava a chamar o mano mata-piolhos.

Faziam vida medonha, sempre em constante questão.

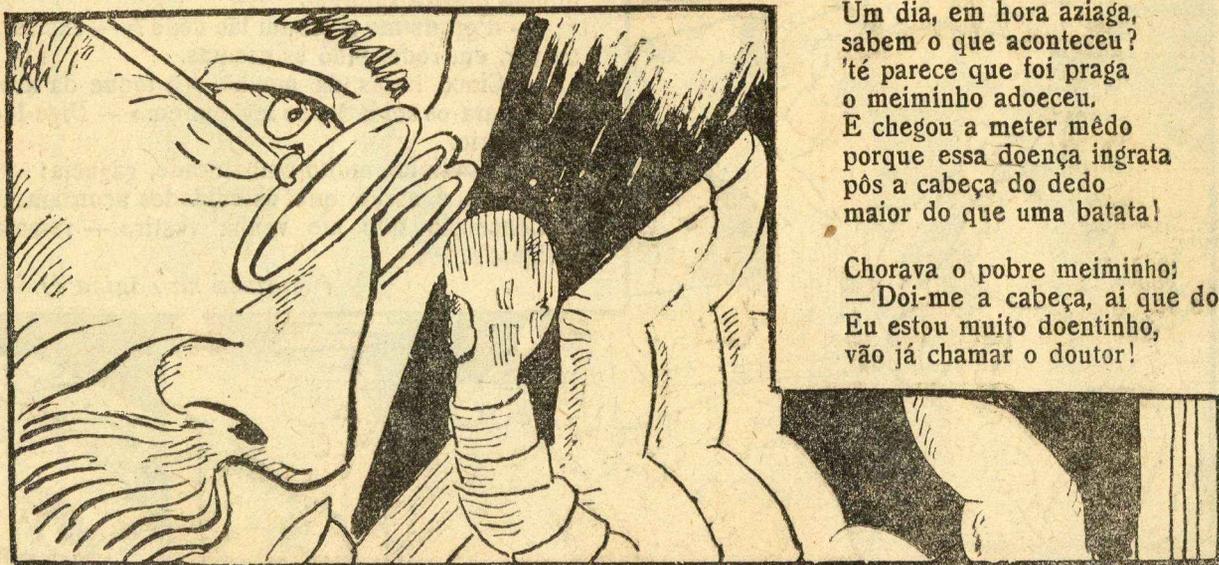
Que vexame e que vergonha para a desditosa mão!

O meiminho, como disse, trabalhava com critério, fugindo da mandriíce, tomando o trabalho a sério. Troçavam dêle, em voz alta, os outros, dizendo assim: — Ninguém lhe sentia a falta se morresse êste alfenim.

Que miúdos tão pedantes são êsses dedos meiminhos! Nós temos fôrças bastantes para trabalhar sòzinhos.

Um dia, em hora aziaga, sabem o que aconteceu? 'té parece que foi praga o meiminho adoeceu. E chegou a meter mêdo porque essa doença ingrata pôs a cabeça do dedo maior do que uma batata!

Chorava o pobre meiminho: — Doi-me a cabeça, ai que dor! Eu estou muito doentinho, vão já chamar o doutor!



OS ESCOTEIROS

■ ■ ■ POR MANUEL FERREIRA ■ ■ ■

ANTONINHO estava à janela na sua casinha dos arredores de Lisboa. Em dada altura, voltou-se e gritou:

— «Mamã, mamã, que vontade de rir! Olhe para aqueles rapazes, já quasi uns homens, de calção curto, lenço ao pescoço e chapéu tão grande! O que quer dizer aquilo, mamã?»

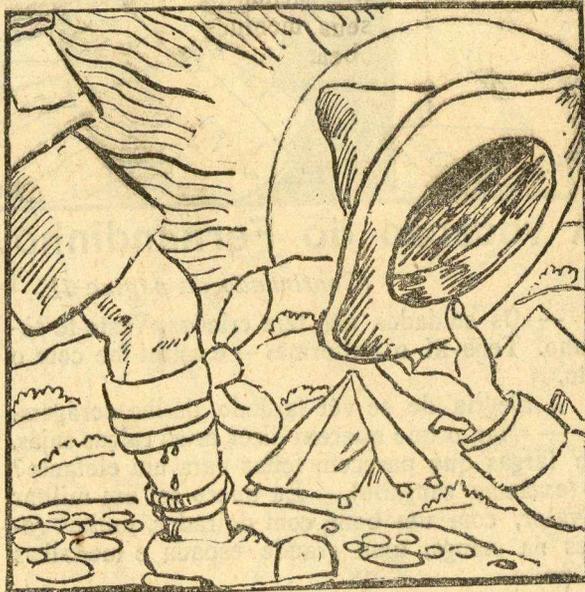
D. Maria, entretida nos seus trabalhos de costura, levantou-se complacente e assomou à janela. Na rua, correctos e disciplinados, alguns escoteiros regressavam dum acampamento, alegres e satisfeitos. Grandes mochilas às costas, uma bandeira colorida numa vara, e os rapazes lá seguiam conversando entusiasmados sobre o passeio. D. Maria, que seguira atenta a marcha dos escoteiros, retorquiu:

— «São escoteiros! O que é que te dá vontade de rir?»

— «O fato... — replicou Antoninho. — Para que são aqueles calções curtos, o lenço no pescoço, aquele pau? Porque é que o chapéu é tão grande? O que é que eles fazem?»

A mãe do pequeno, respondeu-lhe:

— «Ser escoteiro é ter uma das mais bonitas ocupações. Os escoteiros vivem ao ar livre, no

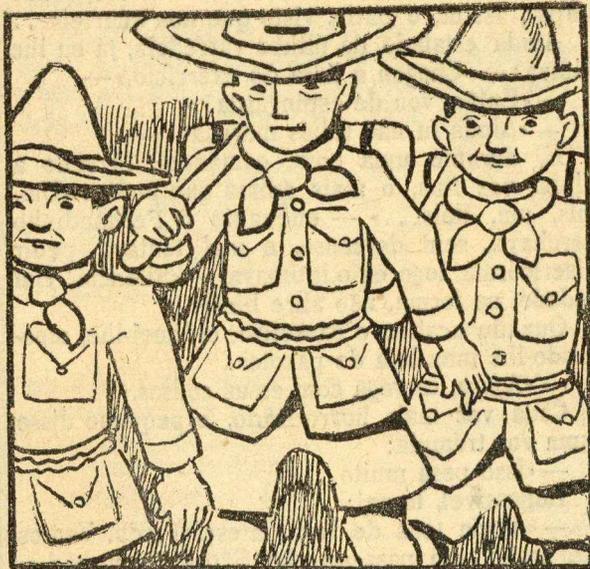


campo, conhecem as plantas e os animais úteis e venenosos. Sabem fazer os seus alimentos, orientam-se de dia pelo sol e de noite pelas estrelas. Armam as suas barracas, onde passam as noites de verão, ouvindo cantar as cigarras ao desafio. Admiram as paisagens, correm pelos campos, e, com o auxílio de cordas, trepam aos rochedos. Sabem nadar e auxiliam o seu semelhante em perigo. Adoram Portugal; conhecem a sua história e a sua corografia. Têm uma lei que lhes diz que devem ser bons, valentes, respeitadores e económicos.»

— «Bem — interrompeu o Antoninho, — mas para que é aquele fato tão exquisito?»

— «O calção — continuou D. Maria, paciente-mente — deve ser curto para poderem subir mais facilmente a uma árvore, para correrem, para saltarem com mais ligeireza. O lenço serve de ligadura para um ferimento. O pau serve para armar as tendas e para, com os lenços, fazerem macas ou camas de campanha, e o chapéu para proteger os rapazes dos raios do sol. Já vês que tudo tem aplicação!...»

Antoninho ouviu, em silêncio, as palavras da mãe. E, dentro de poucos dias, foi inscrever o seu nome num grupo de escoteiros.



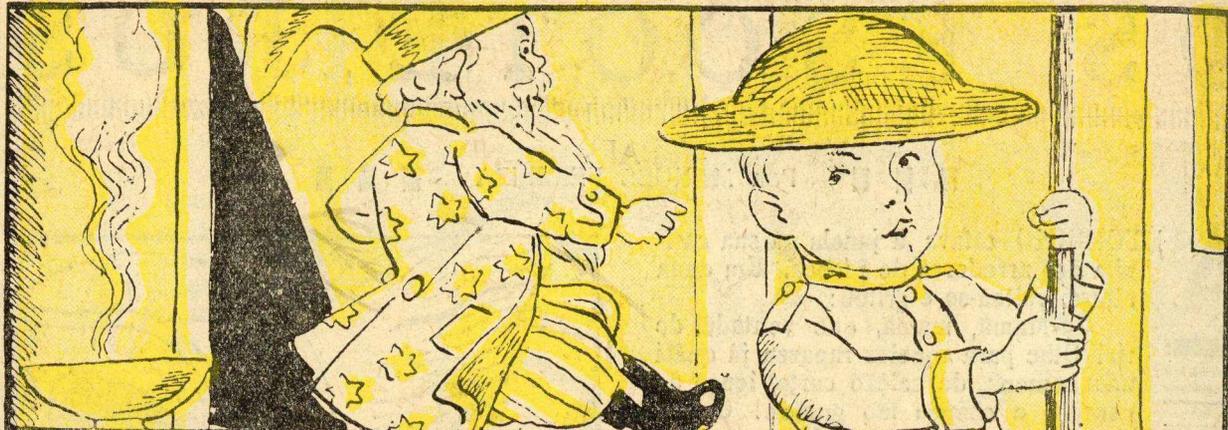
O anelar chega-lhe às cegas, pois grande raiva o impele, e diz: — Vai ver o piegas como trabalham com êle.

Veio o doutor Aparício, homem de grande sabença, disse que era um paranício, uma terrível doença.

Tão mal o doutor o acha que o meteu em algodão, pôs-lhe capa de borracha, depois envolveu a mão numa grande ligadura, obrigando, de repente, todos à mesma clausura, tanto os sãos como o doente.

E quando o médico, um dia, acabada essa infecção lhes deu carta de alforria, os dedos viram-se então iguaizinhos na aparência, todos magros e chupados, sentindo a mesma indolência,

(Continua na página 5)



A vocação do Fernandinho

(Continuado da página 1)

— «Os soldados não têm criadas. Veste-te sozinho. Tens aí o uniforme» — e atirei-lhe com o fato.

A alegria de se vêr fardado, dá-lhe corágem.

— «Mas o que querem dizer estas calças sujas, tão largas que parecem feitas para um elefante?» — (exclama zangado). — Eu quero ser um militar a valer, com um boné com doirados, muitos galões na manga, uma grande espada e medalhas ao peito.»

— «Antes de chegares a oficial, tens de ser soldado». — Tornei, cheio de autoridade.

Mal humorado, o Fernandinho começou a ar-

Ao dar com os olhos no que estava sobre a mesa, ficou estarecido.

Só tinha diante de si uma tijela com café.

— «Este é o mata-bicho dos soldados». — expliquei-lhe, com ar de troça.

Enfiado, o Fernandinho já nada respondeu, bebendo a droga, sem pestanejar.

— «Agora, vamos ao serviço. Pega nesse balde e nessa vassoura. Vais fazer a limpeza do pátio».

— «Eu!?» — exclamou o rapaz, revoltado.

— «E' assim que os soldados limpam os dos quartos».

O Fernandinho não teve mais remédio, senão limpar, assim, o pátio, visto que nos quartos...

Ainda estafado da última varredela, já eu lhe gritava: — «Chegou a hora do exercício.» —

— «Então, vou de espingarda?»

— «Ainda tu não sabes marchar!» —

E, durante uma hora, comandi, fazendo a minha voz fina, o mais gróssa que podia: «Um, dois, um, dois...» — enquanto o Fernandinho marchava, sem descanso, e mal tentava pedir misericórdia, logo eu o intimava: — «Silêncio! Um soldado, na forma, não abre bico».

Quando acabou o exercício, ordenei-lhe, mostrando-lhe uma lata de pacotes:

— «Agora, carrega com essas cousas.»

Cada vez mais horrorizado, o pequeno disse numa voz trémula:

— «Isso pesa muito...»

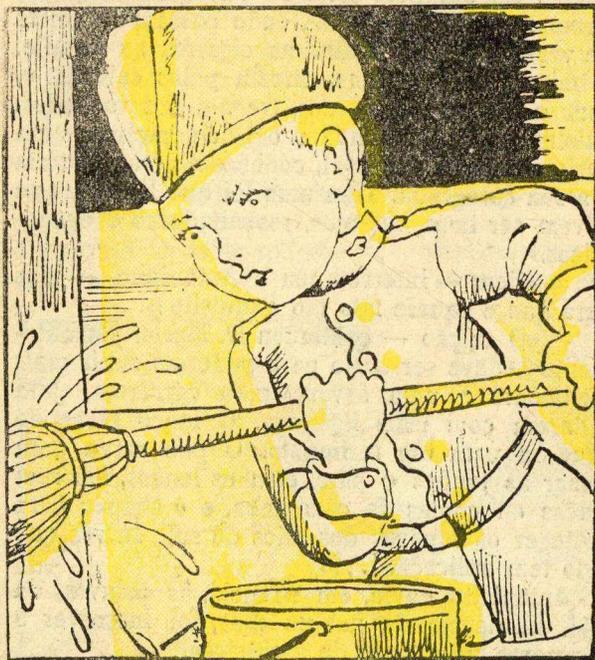
Impassível, tornei:

— «Ainda tens de levar a espingarda. Vamos dar, assim, um passeiozinho. São quási nove horas. Andamos até às catorze, ao sol, para te habituares...»

— «E o almoço?» — perguntou o Fernandinho, aflito.

— «Almoças às catorze. Depois aprenderás a pegar na espingarda e a apresentar armas, até às seis. Em seguida ao jantar...»

— «Vou deitar-me?»



ranjar-se, mas assim que meteu as mãos na água, berrou:

— «Dêem-me água quente!»

— «Os soldados não têm disso! E escusas de falar mais, porque só tens um quarto de hora para te vestires, fazeres a cama e almoçares.»

A tôda a pressa, com a idea do bom chocolate e torradas, o pequeno lá se vestiu e fez a cama, conforme pode.

(Continua na página 7)

O CESTINHO da COSTURA

◆ ◆ SECÇÃO PARA MENINAS ◆ ◆

POR ABELHA MESTRA

Querida Inês:

Não me disseste, na cartinha que me escreveste, a tua idade, mas adivinho que ainda és muito pequena e, por isso, queres um trabalho muito fácil para pintar!

Também não me disseste como gostarias mais da almofada; contudo vai o desenho à minha escó-lha, sem saber se te agradará ou não.

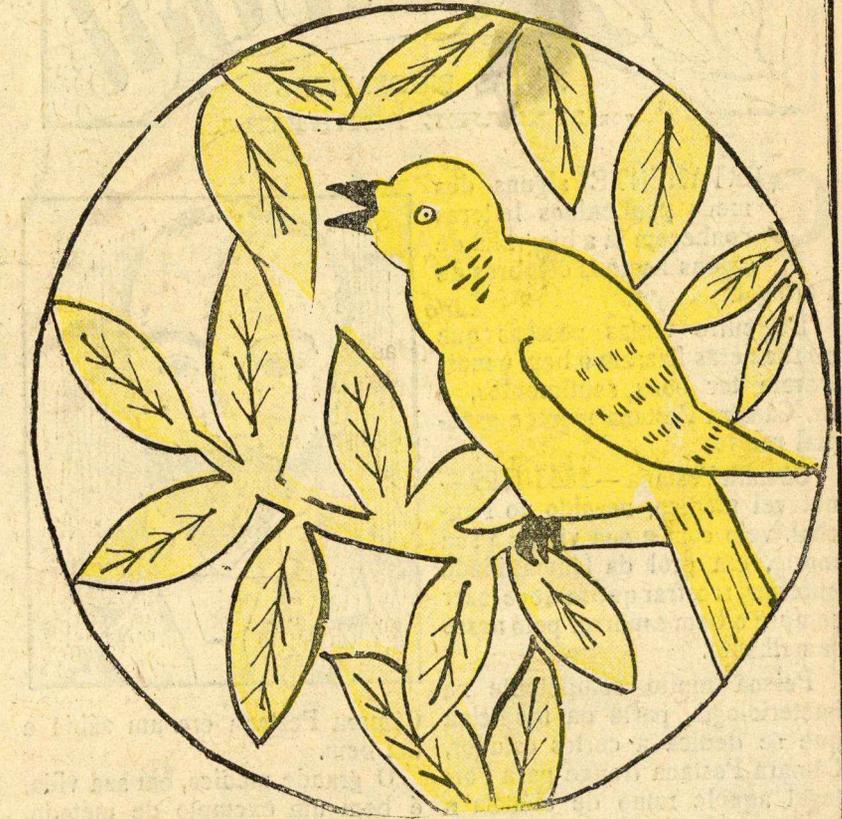
Arranjas um bocado de pano, cru, forte e, sobre ele, é que vais fazer o trabalho.

Esse passarinho que vês a cantar, vais pintá-lo em amarelinho claro e dás-lhe umas pinceladas brancas e castanhas.

O bico e os pés são pretos. Para as folhas, escolhes um verde seco e dás-lhe, no meio, um tom mais escuro. Os troncos são castanhos.

Quando tiveres a pintura acabada e bem seca, vais, então, armar a almofada. Cortas uma ro-dela do mesmo pano cru e igual à que cortaste para pintar.

Depois coses as duas pelo lado do avêso, deixando por coser só



o espaço preciso para poder voltar o trabalho do direito. Enches, então, com sumáuima e depois acabas de coser com um ponto dis-farçado.

Para terminar, pões um cordão

a tôda a voífa ou uma tranjinha de lã preta, o que ainda é mais bonito.

Recebe um abraço da,

Abelha Mestre

DEDOS DESORDEIROS

(Continuação da página 3)

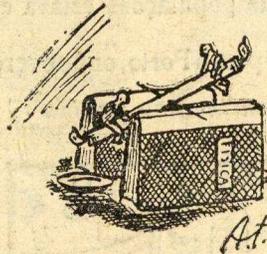
tão débeis, tão engelhados que trataram de se unir todos cinco no labor sem nunca mais discutir quem tinha maior valor; e viram quanto era falho o seu toldado bestunto pois não há melhor trabalho do que o trabalho em conjunto.

Tem conceito educativo e é esta a sua moral:
«O trabalho colectivo vence o individual.»

ARRE, BURRINHO!

Vou-lhes ensinar como se faz duma vela um engraçado baloço que se move por si próprio.

Com um arame previamente aquecido na chama dum candieiro atravessa-se, justamente pela metade do



At.

seu comprimento, uma vela de estearina em que se tenha raspado a parte inferior, de modo a fazer aparecer o pavio.

Coloca-se, em seguida, a vela sobre dois suportes — dois livros por exemplo — cujo ponto de apoio é o arame

que se atravessa. Dois bonecos de cartão recortados num bilhete de visita e 2 pires, colocados, respectivamente, na parte superior e inferior a ambas as extremidades da vela, completam o engraçado baloço.

Basta agora acendê-la nos dois pontos indicados e esperar pelo resultado: assim que a primeira gôta de estearina se desprende duma das suas extremidades, a vela inclina-se para o lado opôsto e, assim sucessivamente, consoante o desprendimento de gôtas dum ou doutro lado.

Os pires são destinados a receber essas gôtas de estearina.

A NECDOTA

Receltando certo medico a um saloio doente umas pílulas, o saloio tomou uma e guardou as outras, não querendo tomá-las. O medico veio, e perguntando a razão porque não continuava a tomar as pílulas, teve esta resposta do saloio: «Porque ainda estão muito verdes. Amargam muito e quero deixá-las amadurecer.»

Grandes de Portugal

NOTAS BIOGRÁFICAS
POR MANUEL FERREIRA

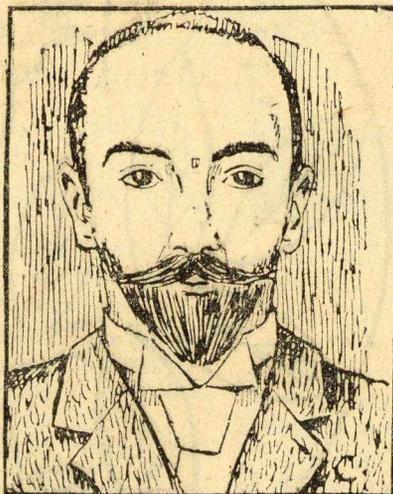
CERTAMENTE alguns dos meus pequeninos leitores conhecem já a biografia de alguns homens célebres de Portugal.

De entre tantas pessoas que noutras eras fizeram o bem e mostraram ter bons sentimentos, o dr. Câmara Pestana merece especial relevo.

Câmara Pestana — 1863-1899 — notavel médico, nascido no Funchal, veio com a sua vida e a sua morte, em prol da Humanidade enferma, mostrar que se deve fazer sempre o bem e morrer pelo nosso semelhante.

Pessoa muito competente na bacteriologia, parte da medicina que se dedica a certos estudos, Câmara Pestana trouxe para Portugal aquele ramo de ciência e fundou o Instituto que os meus meninos certamente conhecem.

Estudando sempre, trabalhando com grande entusiasmo, descobrindo novos processos de curar, fazendo da Medicina uma arma contra os flagelos da Humanidade, sempre a par das inovações que apareciam por esse mundo fora,



Câmara Pestana era um sábio e um bom.

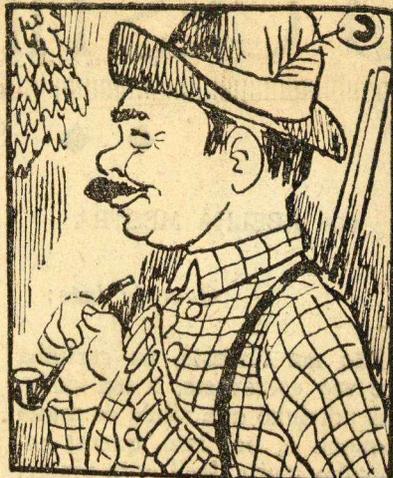
O grande médico, em sua vida, é bem um exemplo de método, amor ao Estudo, iniciativa e responsabilidade dos próprios actos. A sua morte foi, também, um exemplo de sacrifício.

E sabem os meus meninos porque é que ele morreu no vigor da vida? Vou-lhes contar:

Lavrava uma enorme epidemia no Porto. Os hospitais estavam cheios. Era enorme o risco de contágio. Falava-se na vinda a Portugal de médicos estrangeiros para atacar a doença. O grande sábio vê, patriota como era, que a vida das populações estava em perigo.

E parte para o Porto, onde exerce

(Continua na pagina 7)



O CAÇADOR ZÉ MARIA

Por CARFLÓFER

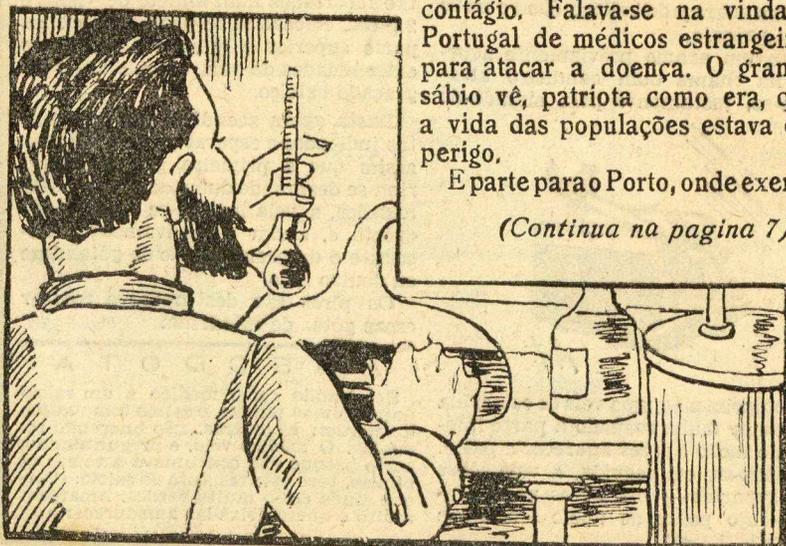
Nesta abertura da caça,
Zé Maria o dia passa
Na ferrenha tentação;
Mas, por mais tiros que empregue,
Dar no alvo não consegue,
Com arrelia do cão.

À tarde, bôlsa vazia...
— O que a mulher não diria!
Topa o caçador Furão.
Do amigo segue os conselhos
E compra-lhe três coelhos,
Com grande pasmo do cão.



A mulher fica abismada
Pela inédita caçada
Que lhe causa confusão:
No entanto gaba a façanha,
E o Zé todo se arreganha
Sob o olhar vesgo do cão.

Já ia o jantar em meio,
Quando a cozinheira veio
Introduzir o Furão...
Mas tanta asneira este disse,
Que descobre a intrujice,
Com grande gáudio do cão!



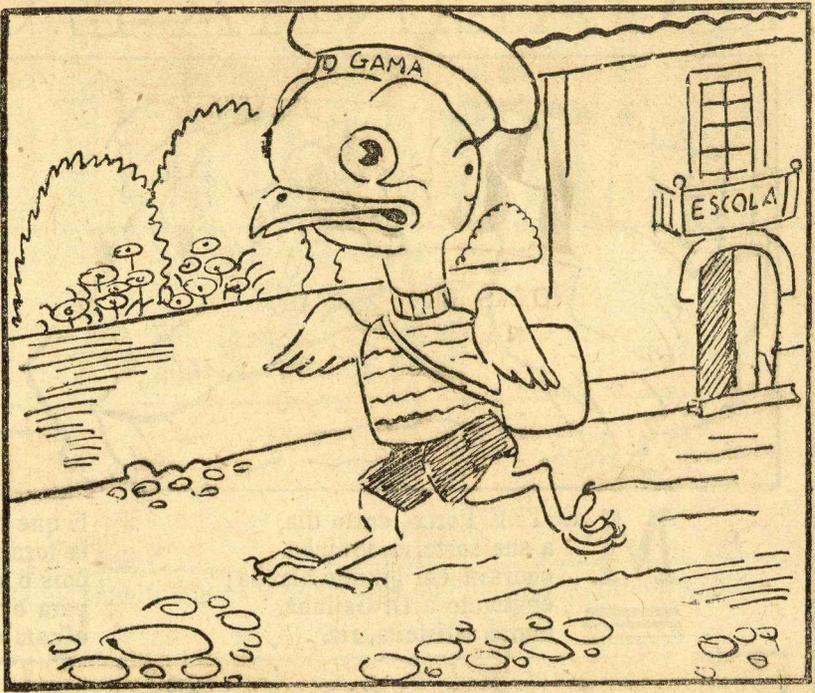
GRANDES DE PORTUGAL PARA OS MENINOS COLORIREM

(Continuação da pagina)

uma acção admiravel, dia e noite, sem descanso do corpo nem do espirito. Vence.

A doença terrivel abandona o Porto. E Câmara Pestana morre no seu posto, manifestando os sentimentos mais belos. Morreu, como vivera, dedicado ao seu semelhante e procurando levantar o prestígio do nosso querido Portugal.

Não vos enfado mais, meus meninos. Aqui vos fica este episódio da História de Portugal, o 1.º duma série que eu tencio contar-vos. Meditai bem nele e vêde que a nossa História é toda ela uma sucessão de factos que a tornam a mais linda História de mundo.



■ ■ F I M ■ ■

A VOCAÇÃO DO FERNANDINHO

(Continuação da pagina 4)

— «Qual! Vais mas é fazer sentinela até à meia noite».

— «Eu tenho medo.»

Estou tão cansado!... — gemeu, numa vozinha trémula.

— «Um soldado não se cansa.»

Fernandinho reflectiu um pedaço.

— «Então os soldados nunca se batem?»

— «Só se batem depois de, durante muito tempo, fazerem todos os dias o que te estou obrigando a fazer hoje.»

— «Todos os dias!? (atalhou, o pobre pequeno já cheio de soluços). — Parece-me, Anãozinho, que

não é esta, afinal, a minha vocação... Não tenho jeito para ser militar todos os dias...»

Eu, então, muito sorridente, falei-lhe assim:

— «E' preciso não desanimares! Mais tarde, poderás vir a ser um bravo soldado, quando tiveres idade de compreender o que deves à tua Pátria e fôrça e corágem para a servir. Mas, enquanto não chega esse tempo e como ainda não acertaste com a tua vocação, vai dar um beijo à tua Mãzinha que tanto se tem ralado com a lição que eu te dei hoje! Lembra-te sempre: reflecte bem, primeiro que tomes qualquer resolução!»

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

O Nosso Concurso: — UMA VILA COMPLETA

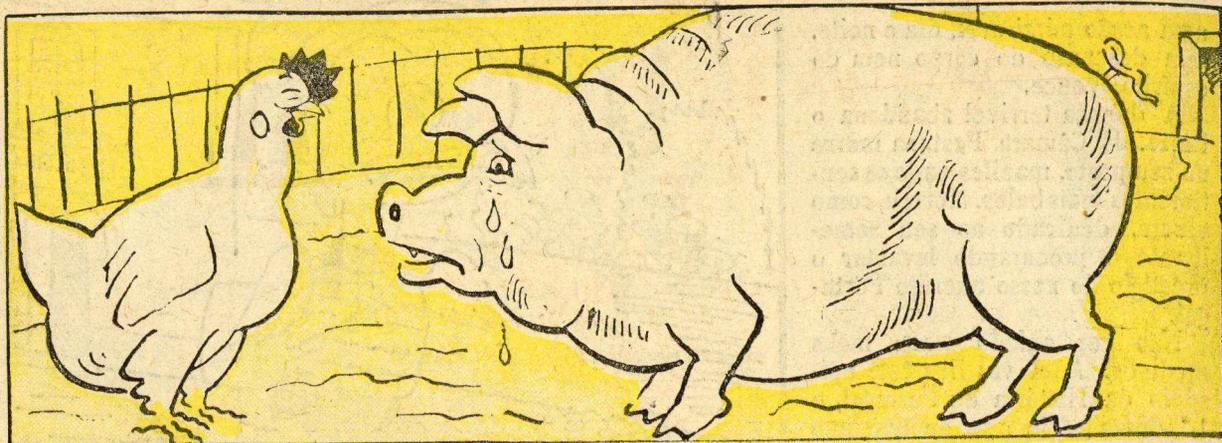
Terminando amanhã o prazo para entrega de provas do nosso grande concurso, avisamos os pequeninos concorrentes de que, por estes dias, deve reunir o júri para apreciação e classificação de trabalhos.

No próximo número publicaremos a lista dos premiados. Entretanto acusamos a recepção de provas de mais os seguintes concorrentes:

- Maria Alice Morada Braga
- João do Nascimento Corujo
- José da Paz Bica
- Carlos Manuel Teixeira de Castro
- João Lança Pancada
- Maria da Natividade Perdigão Vilhena Capêta

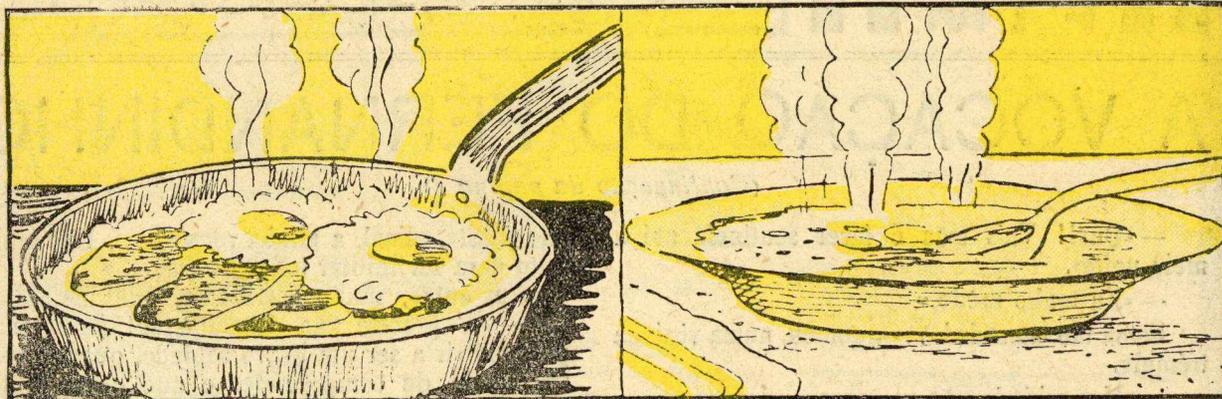
- Manuel de Sousa
- Fernando Alves da Cruz
- Manuel José de Oliveira Nogueira
- Maria da Conceição Gouveia Guerreiro
- Maria Celeste Guerreiro Lima
- Maria Fátima Palmela F. da Cunha
- Maria Luiza Fernandes
- Alvaro Palmela Ferreira da Cunha
- Maria Lucia Palmela Paixão
- Candido Freire Colaço
- Fernando Rodrigues de Oliveira
- Maria da Conceição Serra e França
- Carlos Alberto Coias Fonseca
- Guilherme Salgueiro Vicente
- Maria Tereza Guerreiro França
- Lénia Perdigão Vilhena Capeta
- Alberto Antunes Martins

A GALINHA E O PORCO



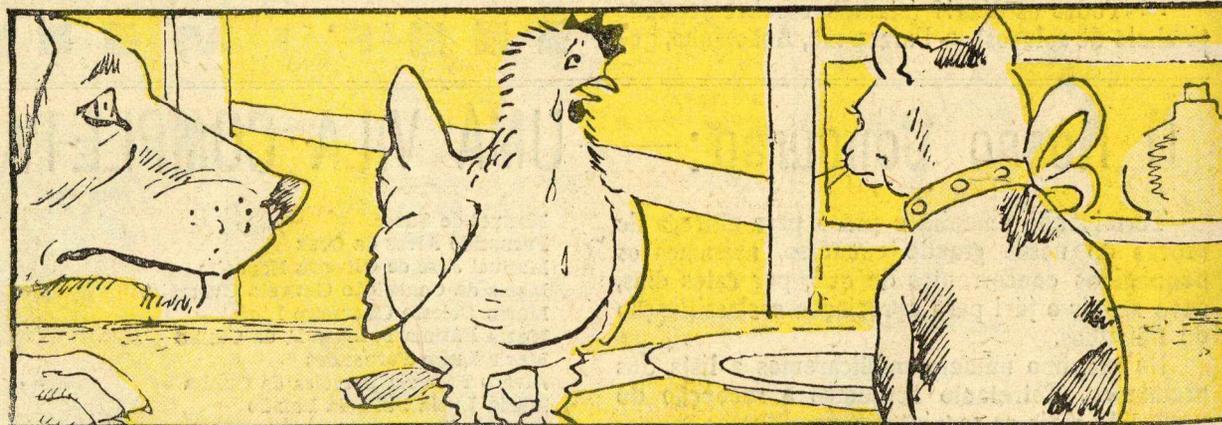
MESTRE Porco, certo dia, a sua sorte mesquinha chorava em grande arrelia; enquanto a D. Galinha, muito satisfeita, ria.

E que o dono — (estão a ver?) — ia torná-lo um defunto, pois o mandara abater para o tornar em presunto e com ovos o comer.



A' galinha os ovos pôr, não lhe causava arrelia, por isso, com belo humor, a galinha ria, ria, sem sentir a alheia dôr.

Mas, umas horas depois, aparece a cozinheira e leva os nossos heróis para o pé da frigideira, dando a mesma sorte aos dois.



— «Porque me matam, pergunto? — (ao gatinho e ao cão da casa, interroga o seu bestunto:) — se da minha perna ou asa não podem fazer presunto?!»

Volvem, nisto, o gato e o cão:
— «Não! Mas podem fazer canja!»
E eis dêste conto a lição:
Quem ri dos tristes, arranja sorte igual por sua mão.